

6 Con. Brasil

31 MAI 1991

Sexta-feira, 31-5-91

Os economistas na berlinda

Gilberto de Mello Kujawski

JORNAL DA TARDE

O Brasil é grande, capaz de resistir a tudo. Resiste à miséria, à fome, à doença, ao analfabetismo, à recessão, ao desemprego, à inflação, aos impostos escorchantes, à seca do Nordeste, às inundações, à mesquinhez da direita, ao obscurantismo da esquerda, à corrupção geral e institucionalizada, à ignorância especializada nos mais diversos setores, à mediocridade das chamadas elites, ao baixo nível cultural, à desorganização dos serviços públicos, à insegurança e violência do dia-a-dia, ao abalo das instituições, à crise das formas de vida pública e privada, ao bombardeio incessante da mídia, ao caos urbano, à onda de derrotismo e descrença que submerge o País de Norte a Sul, à campanha de desmoralização nacional posta em prática pelos próprios brasileiros. A tudo isso e a muito mais o Brasil resiste impávido, avançando rumo ao futuro, apesar dos sucessivos desgovernos e do pessimismo entranhado na maioria dos seus filhos. Mas o Brasil é grande, antes de tudo, ao resistir, com bravura e ironia, à incompetência dos economistas, à conspiração de tantos planos econômicos que ainda não conseguiram sucatear de todo nossa irresistível vontade de viver e de produzir, nossa determinação de vir a ser um país integrado e em forma.

Uma de nossas idéias fixas nesta coluna é que a Economia, com ser imprescindível, não é o essencial. O ar e o alimento que absorvemos são imprescindíveis à nossa conservação, mas não constituem o que há de essencial em nossa vida. A tese fundamental é que a Economia, a atividade econômica, considerada em si mesma, não passa de uma abstração. A Economia não existe separada da realidade histórica e social de um povo, assim como a cor não existe separada da extensão. Ao tomarem a Economia em abstrato, como se fosse algo subsistente em si, os senhores economistas se afastam da realidade, isto é, do substrato político e social que embasa a Economia, e se absorvem nas leis de coerência interna da própria Economia, como se faz na Matemática ou no xadrez. Pode aplicar-se à Economia o mesmo princípio consagrado pelo grande Savigny em relação ao Direito: "O Direito não tem existência empírica por si; sua essência é, antes de tudo, a vida mesma do homem contemplada desde um ponto de vista especial". Assim, também a Economia não tem existência em si, destacada da vida total de um povo. E como a vida coletiva, assim como a vida individual, aponta essencialmente rumo ao futuro, conclui-se que a vida de um povo se consubstancia num projeto de vida em comum. Reorganizar a Economia é necessário, mas não suficiente. E é duvidoso que se consiga reorganizar a Economia sem o apelo à mobilização social dos brasileiros de todas as classes (e não só dos descamisados, ao gosto populista).

Pois bem, as considerações acima que podem parecer estranhas e paradoxais, mas que num segundo momento de reflexão se mostram razoá-

veis e sensatas, não são levadas a sério quando formuladas por um brasileiro qualquer, como é o caso do autor deste artigo. Muito diferente pode ser a reação quando um brilhante doutor em Economia, de nacionalidade francesa, professor da disciplina em Toulouse, publica um livro arrolando os erros monumentais cometidos pelos economistas nos últimos 20 anos e denunciando-os como um bando de charlatães. Este herói, que ouso afrontar a própria categoria a que pertence, chama-se Bernard Maris, de 42 anos, autor da obra intitulada **Economistas acima de toda suspeita ou a grande farsa das previsões**.

Entrevistado por Napoleão Sabóia para o penúltimo Caderno de Sábado (JT-18/5/91), eis algumas das violentas vergastadas do jovem professor nos sumos sacerdotes dessa nova heresia: "As esotéricas construções matemáticas não resolvem nada. A prova é que, aqui, na França, já foram feitas 14 mil equações para explicar e solucionar o desemprego e este não pára de subir... É preciso que o bom senso, sufocado pelo terror matemático e econômico, volte a predominar para a salvaguarda dos cidadãos e da democracia".

Giscard e Barre, seu primeiro ministro, levaram ao paroxismo esse delírio matemático e econômico, o que não impediu que o atual ministro francês da Economia, Bérégovoy, que não é economista, conseguisse melhores resultados: "Bérégovoy é, antes de mais nada, um bom administrador, um fino animal político, e é por ai que começa a explcação do fato de ter a França hoje a inflação mais baixa da Europa".

De Gaulle desprezava e escarnecia dos economistas, e outro tanto fez Reagan, como faz todo político seguro de si, que sabe o que quer: "A mania de quantificar, a obsessão de deixar tetos, taxas e porcentagens no espírito engendrado pelos institutos de sondagem esterilizou de certa forma a imaginação, a criatividade dos homens políticos.

... Os homens políticos precisam ler Tocqueville e se dar conta de que a História não se escreve com taxas, o mundo não é transformado por modelos matemáticos, mas, sim, pela visão política dos que tratam dos sentimentos coletivos".

Vale a pena ler a entrevista na íntegra. No final, o mais surpreendente dos conselhos: nada de apelar às consultorias econômicas para melhorar os negócios ou de consultar os manuais; muito mais eficaz é ler Machado de Assis e Proust; com sua extraordinária observação e sua densidade psicológica ensinarão ao empresário inteligente as melhores estratégias de marketing.

Para finalizar: no Brasil, em 1964, o vácuo do poder foi ocupado pelos militares; depois, pelos economistas, o que significa que ainda persiste entre nós o vácuo do poder, graças à omissão e à mediocridade dos senhores políticos.